



DESENVOLVIMENTO E CONFIGURAÇÃO TERRITORIAL DE PEQUENAS CIDADES: ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE AS CIDADES DE QUILOMBO E CORONEL FREITAS-SC

SANTOS, João Pablo dos¹

RESUMO

As cidades apresentam em sua configuração territorial a consolidação das dinâmicas de desenvolvimento e urbanização. Nas últimas décadas, diversos estudos vêm se aprofundando nestas dinâmicas em pequenas cidades, com o objetivo de tensionar novas discussões que resultem em análises acerca de seus processos, apresentando como uma das principais condicionantes a sua inserção e dinâmica econômica regional. Este estudo apresenta uma análise comparativa acerca do desenvolvimento e configuração territorial de Coronel Freitas e Quilombo, duas cidades localizadas na região oeste de Santa Catarina e inseridas no circuito econômico das agroindústrias. A partir de dados econômicos, populacionais, morfológicos e legais, foi possível constatar que ambas apresentam um território marcado pela colonização feita por empresas colonizadoras e pela intensa atuação da atividade agrícola. Apesar de contar com uma unidade agroindustrial, Quilombo não apresenta um desenvolvimento superior em comparação a Coronel Freitas; e ambas enfrentam problemáticas acerca da sua ocupação e configuração territorial consolidadas.

Palavras-chave: Pequenas cidades. Configuração territorial. Desenvolvimento.

¹ Mestre em Planejamento Urbano e Regional pelo PROPUR/UFRGS. Doutorando em Arquitetura e Urbanismo pela FAUUSP e pesquisador bolsista CAPES. Email: joao.pablo@usp.br



1 INTRODUÇÃO

No atual período técnico-científico-informacional os territórios são, segundo Milton Santos, resultado entre a junção da tecnologia, ciência e informação, onde novos arranjos populacionais vêm surgindo e ganhando destaque na lógica de dominação e reprodução das economias hegemônicas capitalistas. Atualmente, 4.889 dos 5.565 municípios existentes no Brasil não ultrapassam os 50.000 habitantes (IBGE, 2022); infere-se então, que diversas regiões e redes urbanas são compostas por pequenas cidades em seus arranjos. Dentro deste contexto, estas cidades passaram a receber novas funções e a desempenhar papéis de destaque dentro da hierarquia urbana após 1970, principalmente em Regiões Produtivas Agrícolas (RPA's), marcadas pela dominação do agronegócio globalizado (ELIAS, 2011).

As diferentes configurações territoriais e as particularidades no desenvolvimento destas localidades são visíveis principalmente ao observar suas características físicas, econômicas, políticas e sociais, que segundo Milton Santos, são resultantes da ação do capital econômico dominante. O entendimento desta dinâmica é de grande relevância para que se possa avançar ainda mais nos debates e estudos acerca da heterogeneidade no arranjo das pequenas cidades (ENDLICH, 2009; SPOSITO E JURADO DA SILVA, 2013).

Neste sentido, o presente estudo busca compreender as diferenças entre o desenvolvimento e configuração territorial das cidades de Coronel Freitas e Quilombo, inseridas na dinâmica e circuito econômico regional de grandes agroindústrias do ramo da carne e do leite. Tem-se como pressuposto a condicionante de Quilombo conta com uma unidade produtiva em seu território, diferente de Coronel Freitas.

O método utilizado aqui é uma adaptação da metodologia proposta por Moreira Junior (2014) para o caso empírico aqui definido. Parte-se de uma discussão teórico-conceitual acerca do conceito de território, configuração territorial e seus significados; posteriormente aborda-se a temática das pequenas cidades, suas funções,



particularidades e o seu papel e dinâmica em uma Região Produtiva Agrícola (RPA); neste mesmo contexto, aborda-se o conceito de especialização regional como formador das redes urbanas e dos circuitos produtivos. Em seguida, trata-se sobre o significado e importância acerca do desenvolvimento no âmbito das pequenas cidades. Por fim, abordam-se os casos de Coronel Freitas/SC e Quilombo/SC a partir das esferas populacional, funcional e espacial, priorizando quatro eixos analíticos identificados pelo autor compostos por variáveis, são eles: dinâmica populacional, a partir de dados acerca dos índices de crescimento, decréscimo e concentração da população; econômico, com base nas principais economias, mercado de trabalho e setores econômicos; morfologia, a partir da análise da estrutura física, ambiental e de conectividade; e as normatizações urbanísticas, com base nos planos diretos e/ou legislações relacionadas. A escala regional apresenta-se como plano de fundo para explicar as dinâmicas interurbanas que impactaram estas cidades.

Vale destacar ainda que este é um estudo piloto que integra a pesquisa de doutorado intitulada "Pequenas Cidades e Agroindústrias: Novas dinâmicas territoriais na Microrregião de Chapecó", a qual trata das transformações territoriais das pequenas cidades da região supracitada; e que atualmente encontra-se em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

2 TERRITÓRIO, DESENVOLVIMENTO E PEQUENAS CIDADES

O espaço apresenta-se como a totalidade e é preexistente a qualquer ação, não possuindo valor de troca, sendo a matéria prima onde os atores ali irão se apropriar (RAFFESTIN, 1980). O território é o resultado deste espaço somado a ação conduzida de um ator, que segundo Lefebvre o modifica a partir de redes, fluxos, circuitos, rodovias, canais, comércios, bancos etc. O território é então uma produção feita a partir do espaço, e que revela as relações de poder ali ocorridas e controladas a partir



de regras e normativas, principalmente acerca dos seus limites e usos. Constituem-se assim as cidades: territórios com limites definidos a partir de regras e normas e de elementos produzidos a partir da ação dos atores.

As pequenas cidades neste contexto, são compreendidas aqui como o nível mais básico do urbano, com número populacional, atividades e extensão territorial reduzidos, principalmente se comparadas as metrópoles (ENDLICH, 2013; SPOSITO E JURADO DA SILVA, 2013). Essas localidades desempenham suas funções político-administrativas, econômicas, residenciais, industriais, entre outros com uma gama mais restrita de serviços, mas que, dada a conjuntura atual da conectividade e acesso através de serviços possibilitados pela era digital, são praticamente inexistentes. Ou seja, "(...) atendem o pressuposto da realização da vida, da produção do espaço e da reprodução capitalista (Sposito e Jurado Da Silva, 2013, p.40)."

Destaca-se aqui a presença de uma ampla diversidade de cidades dentro do limite dos 50 mil habitantes, algumas delas já estudadas por autores como Endlich (2009), Sposito e Jurado da Silva (2013) e Gomes (2018). Suas singularidades podem ser observadas a partir de uma análise da sua configuração territorial, conceituada por Milton Santos e que engloba a forma, estrutura e disposição de elementos naturais ou artificiais de cunho econômico, físico, político e social materializados em um determinado território. O autor ainda ressalta que as cidades estão cada vez mais diferentes umas das outras, resultado da demanda da sua região a partir da presença do capital econômico dominante. É ele que as orienta e as modifica, em prol das suas demandas.

2.1 ESPECIALIZAÇÃO REGIONAL E AS REGIÕES PRODUTIVAS AGRÍCOLAS (RPA'S)

O processo de especialização regional é explicado por Milton Santos como resultado da desconcentração da produção nacional e da expansão industrial em diferentes regiões brasileiras, influenciados pelo grande capital e pela ação do próprio Estado, ao fornecer principalmente infraestrutura viária necessária. A partir disso:



(...) regiões se especializam, não mais precisando produzir tudo para sua subsistência, pois, com os meios rápidos e eficientes de transporte, podem buscar em qualquer outro ponto do país, e mesmo do planeta, aquilo que necessitam (SANTOS, 2021, p.57).

Neste sentido, surgiram as Regiões Produtivas Agrícolas (RPA's), que segundo Elias (2011) são regiões especializadas em atividades agrícolas, inseridas no circuito do agronegócio globalizado através de redes ou complexos agroindustriais "(...) compostas tanto pelos espaços agrícolas como pelos urbanos escolhidos para receber os mais sólidos investimentos privados, formando os focos dinâmicos da economia agrária (p.155)." Segundo a autora, são regiões compostas por pequenas e médias cidades fortemente concentradas nas Regiões Sudeste e Sul, onde a atividade agrícola e a economia agrária são mais fortes e atuam a mais tempo.

(...) é um espaço que nada mais tem de autônomo, não se fechando sobre si mesmo, de forma independente do restante do mundo, com o qual interage permanentemente para a renovação tecnológica, para a complementação da produção e, em última instância, para a acumulação ampliada do capital do agronegócio (ELIAS, 2011, p.156).

As pequenas cidades apresentam-se nesse contexto integradas ao processo de acúmulo de capital e de modernização desde o surgimento da Rede Agroindustrial, como no caso da Região Oeste de Santa Catarina. Ou seja, Quilombo e Coronel Freitas encontram-se inseridas neste circuito produtivo, que atua de forma ativa no desenvolvimento local destas cidades.

Neste sentido, vale ressaltar aqui a importância de se pensar no desenvolvimento de pequenas cidades, visto que o Brasil é marcado por um processo desigual de desenvolvimento. Um exemplo disso é o fato de que segundo Endlich (2009) as pequenas cidades nunca foram inseridas nos Planos Nacionais de Desenvolvimento, sendo estes focados em metrópoles e cidades médias. Este conceito é entendido aqui com base nas discussões de Milton Santos, em que o desenvolvimento local/territorial engloba a



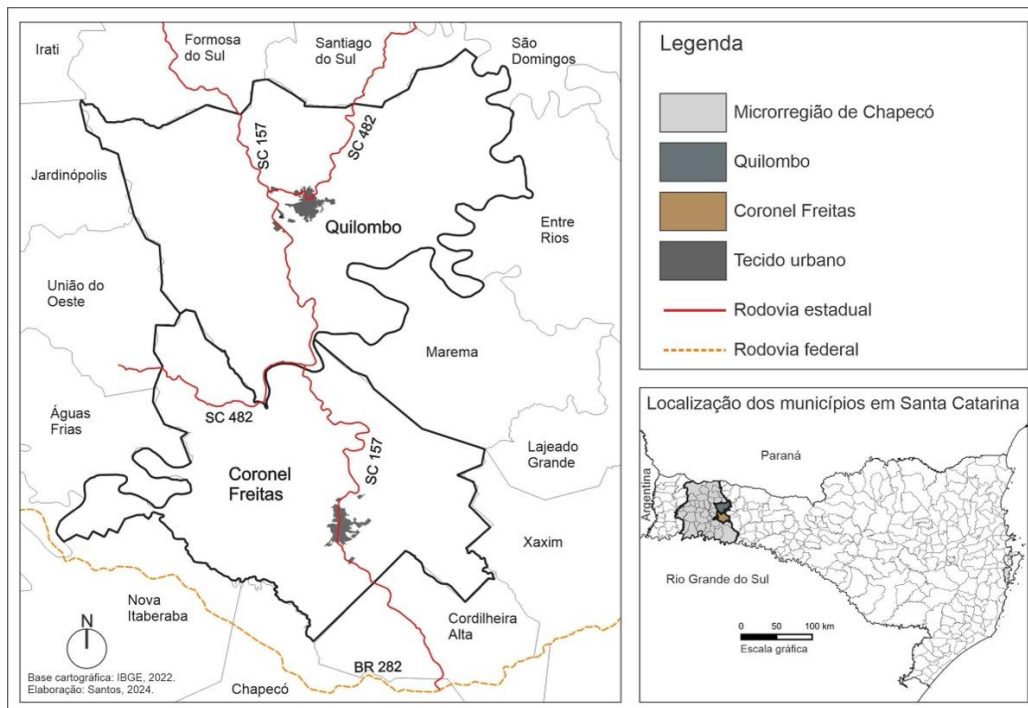
capacidade de enriquecimento e articulação de atividades e recursos internos da localidade, não dependendo exclusivamente de fatores externos, porém, fortemente influenciado por estes.

Elias (2011) se debruça a estudar cidades inseridas em Regiões Produtivas Agrícolas, nomeando-as como cidades do agronegócio, as quais apresentam-se de modo muito diversificado e desempenham funções diferenciadas para atenderem as demandas da produção agroindustrial. Ou seja, o desenvolvimento destas estaria diretamente atrelado ao fator externo preponderante, sendo este o agronegócio. Um exemplo disso é a atual infraestrutura rodoviária existente na Região Oeste de Santa Catarina, a qual corta a malha urbana de Quilombo e Coronel Freitas, auxiliando no dinamismo econômico da região e estimulando o desenvolvimento local. A mesma só foi implantada após 1970, com a constituição do oligopólio agroindustrial na região.

3 O DESENVOLVIMENTO NAS PEQUENAS CIDADES DE CORONEL FREITAS E QUILOMBO

Coronel Freitas e Quilombo são pequenas cidades que fazem divisa e localizam-se na Região Oeste de Santa Catarina e pertencem à Microrregião de Chapecó (Figura 01). Coronel Freitas possui área de 234,40 km², tendo diversas pequenas cidades como limítrofes, com exceção de Chapecó ao sul. Sua principal via de acesso é a SC 157 que cruza seu tecido urbano, a qual faz conexão direta com a BR 282. Quilombo por sua vez, possui área de 279,28 km² e faz limite com diversas pequenas cidades, como por exemplo Formosa do Sul, Irati, Santiago do Sul (Figura 01). Seu acesso se dá pela SC 482, que cruza também seu o tecido urbano; além disso, é tangenciada pela SC 157. Ambas as cidades foram distritos da cidade de Chapecó e emancipadas pela Lei 763 de 6 de outubro de 1961.

Figura 1: Localização dos municípios de Coronel Freitas e Quilombo



Fonte dos dados: IBGE, 2022. Elaboração: Santos, 2024.

3.1 PRINCIPAIS MARCOS HISTÓRICOS E POLÍTICOS TERRITORIAIS

Com o início do processo de colonização na região iniciado a partir de 1916 com a definição dos limites entre Paraná e Santa Catarina, as famílias descendentes de europeus vindas do Rio Grande do Sul foram se concentrando por toda a região, atraídos pela expressiva atividade extrativista e pelas terras baratas e férteis para agricultura. No caso específico de Quilombo², as ocupações iniciaram de forma mais intensa a partir de 1946, porém, as terras pertencentes atualmente a cidade haviam despertado a atenção dos colonizadores anos antes por abrigarem fontes de águas termais, as quais vieram a se tornar um importante atrativo turístico. Quilombo e Coronel Freitas tiveram sua primeira economia voltada para o extrativismo vegetal, principalmente do pinho, que tinha como destino os mercados argentinos, via rio Uruguai até meados de



1950 (RADIN; SALINI, 2016). Devido ao desmatamento descontrolado, reservas de madeira foram sendo extintas e a economia de ambas se voltou fortemente para a agricultura, que até então era praticada como meio de subsistência com troca/venda de excedentes (PÉRTILE, 2008).

A agricultura desde o início da colonização foi pautada na pequena propriedade e na mão de obra familiar, que, segundo o Censo Agropecuário de 1970, somava 98,8% do pessoal ocupado no setor. As propriedades tinham em média 25 ha e não ultrapassavam os 50 ha (PÉRTILE, 2008). As primeiras produções eram focadas na criação de animais soltos, como aves e principalmente os suínos, devido a dificuldade de transporte de grãos para comercialização, já que os animais não exigiam alto investimento e eram conduzidos a pé até as vilas para seu abate e produção de banha (PÉRTILE, 2008). Foi a partir dessa demanda que surgiram os frigoríficos, o pontapé inicial do modelo agroindustrial implantado pelas elites locais, que tinha como objetivo superar o isolamento econômico e geográfico que a região se encontrava (ESPÍNDOLA, 1996; PÉRTILE, 2008).

3.2 DINÂMICA POPULACIONAL E ECONÔMICA

Ao compararmos o aspecto populacional de Coronel Freitas e Quilombo, observa-se que ambas atingiram seu pico no ano de 1980, com a predominância de população ainda na área rural, devido a atividade agrícola (PÉRTILE, 2008). A partir desse período, esta condição passa a mudar, e já nos dados de 1991 ambas as cidades apresentam perda de população principalmente na área rural, processo esse que se mantém até 2010, como consequência da mudança em toda a cadeia produtiva na região, os fluxos migratórios e o êxodo rural eminentes (PÉRTILE, 2008). Porém, no Censo de 2022 é observado um pequeno crescimento em ambas as cidades, e Quilombo tem o ganho mais significativo entre as duas, passando de 10.248 para 11.022 habitantes.



Neste mesmo sentido, o processo de inversão populacional apontado por Graziano da Silva se acentua na região, com o decréscimo populacional na área rural cada vez maior e o acréscimo na área urbana, resultado da dinâmica apontada também por Gomes (2018) e Elias (2011) em seus estudos: a perpetuação da dominação das agroindústrias e o alto nível de exigência por parte destas com a produção, principalmente ao se articularem cada vez mais com o mercado internacional. Vale destacar aqui também como condicionante importante na modificação da distribuição populacional, a formação de uma nova matriz econômica na região que vem ocorrendo desde meados de 2015, focada em inovação, tecnologia e na criação de *startups*³.

Tabela 1 – População total, urbana e rural de Coronel Freitas (1970 – 2022)

Ano	Pop. Total	Pop. Urbana	Pop. Rural
1971	16.185	-	-
1980	19.168	3.170	15.998
1991	11.886*	3.853	8.033
2000	10.535*	4.494	6.041
2010	10.213	6.067	4.146
2022	10.388	6.876	3.512

Fonte: IBGE, 1970 – 2022.

Tabela 2 – População total, urbana e rural de Quilombo (1970 – 2022).

Ano	Pop. Total	Pop. Urbana	Pop. Rural
1971	15.914	-	-
1980	21.453	3.106	18.352
1991	19.362	4.642	14.720
2000	10.736*	4.697	6.049

³ “Santa Catarina conta com quase três mil empresas do setor tecnológico que empregam cerca de 50 mil profissionais. Este número representa, de acordo com pesquisa da ACATE, 5% do PIB do Estado de Santa Catarina. “Muitas delas, ou são startups, ou foram quando iniciaram e, cerca de 11% dessas empresas de TI, estão no oeste - um dos polos que mais cresceu no Estado”. Disponível em: <https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ufs/sc/noticias/startups-crescem-no-oeste-catarinense,3f558c5e67bea510VgnVCM1000004c00210aRCRD>.



2010	10.248	5.746	4.502
2022	11.022	6.666	4.356

Fonte: IBGE, 1970 – 2022.

Infere-se que o fato de Quilombo ter apresentado um crescimento populacional superior ao de Coronel Freitas tem relação com a sua dinâmica econômica e centralidade devido a presença de uma unidade da Aurora⁴ em seu território desde 1997. A agroindústria em questão é focada no processamento de aves, e recebe matéria prima de diversas cidades da região, como Coronel Freitas, Irati, Santiago do Sul e Formosa do Sul. Porém, vale apontar aqui que cerca de 42% das pessoas que trabalham no frigorífico não residem na cidade de Quilombo (PMQ, 2022). Estas se deslocam diariamente para a unidade agroindustrial da cidade, a partir do que Villela (2019) chama de migração pendular⁵ na região.

Partindo para a análise do eixo econômico destas cidades, ambas apresentam o setor de serviços como o de maior expressividade atualmente, porém, este fato deve ser observado além dos números.

Começando por Quilombo, que possui considerável potencial turístico, com a presença da única fonte de águas mineiras sulfurosas e potável do Estado de Santa Catarina, localizado junto à praça central do município (PMQ, 2022), e de uma sequência de cascatas, conhecido como Salto Saudades localizadas na área rural. Na observação *in*

⁴ "A unidade foi fundada em 16 de setembro de 1994, inaugurada em 20 de dezembro de 1996 e o primeiro dia de atividade foi 6 de janeiro de 1997. Possui uma área total de 208.500 metros quadrados e área construída de 14.728 metros quadrados. São 361 produtores integrados, com 443 aviários. A capacidade de abate da unidade é de 137.450 frangos por dia. Do total da produção, entre 52 e 53% é destinada ao mercado externo. O FAQUI está habilitado a exportar para a União Europeia, América Latina, Ásia e África do Sul." Ver mais em: https://rcnonline.com.br/geral/frigorifico_aurora_de_quilombo_completa_20_anos.96472.

⁵ É o processo que possibilita que os trabalhadores permaneçam em seu local de moradia e se desloquem diariamente para a cidade onde se localiza a empresa, não tendo que se mudar, evitando maiores gastos com moradia e custo de vida. No caso da região oeste são as próprias unidades agroindustriais que disponibilizam transporte para estes trabalhadores, que residem em um raio de até 100 km da unidade (VILLELA, 2019).



loco da área urbana e dos comércios existentes, foi possível observar que grande parte do setor de serviços está vinculado ao setor agrícola. É possível perceber a presença de lojas de insumos agropecuários, empresas de aluguel e venda de máquinas agrícolas, rações e medicamentos para animais, cooperativas, entre outros. Este fato vai ao encontro com o que Elias (2011) elabora sobre a dinâmica econômica das cidades do agronegócio, ao afirmar que estas são o lócus da regulação da produção do campo, principalmente ao fornecer serviços e bens materiais e imateriais à atividade.

Porém, vale ressaltar que a área rural já não produz e nem é comandada unicamente pela agroindústria. Com a exclusão de boa parte dos pequenos produtores do sistema agroindustrial da região e a evasão destes do campo (PÉRTILE, 2001), os que ali resistiram e por disporem de certa autonomia em suas propriedades, tiraram partido das condicionantes e belezas naturais do município ao abrirem suas propriedades para visitação e hospedagem, com foco no turismo rural⁶. A produção orgânica familiar também é outro destaque, revalorizando e dando novos usos ao espaço rural, tornando-o pluriativo e multifuncional conforme aborda Graziano da Silva (2002).

Ainda sobre o setor terciário, vale ressaltar aqui também a presença de duas *startups* em Quilombo segundo dados do Sebrae (2023), reforçando o argumento acerca da mudança na matriz econômica regional. O setor vem se fortalecendo também na área educacional com o ensino superior, com destaque para os 457 alunos matriculados na Unopar e a recente chegada da Estácio Santa Catarina no município (SEBRAE, 2022). Coronel Freitas, por sua vez, também tem sua maior expressividade no setor de serviços, que contribuiu com 51,5% do PIB municipal, seguido pela agricultura com 28% e o setor industrial com 20,5% (SEBRAE, 2022). Além da atividade agrícola, a cidade se destaca na região como polo moveleiro, com uma expressiva quantidade de indústrias de pequeno porte neste setor, sendo a que mais emprega trabalhadores (BIEGER et al., 2009; SEBRAE, 2022). A matéria prima utilizada é trazida principalmente do

⁶ Ver mais em: <https://turismo.quilombo.sc.gov.br/>. Acesso em: abril de 2024.



Mato Grosso, Pará e Rondônia, devido a escassez de reservas florestas nativas na região (BIEGER et al., 2009).

Quanto ao setor primário, Coronel Freitas possui 832 estabelecimentos agrícolas ocupados majoritariamente pela pecuária, que soma 77,04% do total de estabelecimentos (IBGE, 2017). Esse dado se confirma ao observarmos os números da produção em 2023, com um total de 191.729 suínos, 6.993.296 aves e 6.378 bovinos, superando a produção de suínos e bovinos de Quilombo, que totalizou 80.307 e 3.629, respectivamente (OBSERVATÓRIO AGROCATARINENSE, 2023). Quilombo, por sua vez, totaliza 1.162 estabelecimentos agrícolas, com a pecuária presente em 65,14% das propriedades, onde se destaca a criação de aves que em 2023 totalizou 7.222.604 (OBSERVATÓRIO AGROCATARINENSE, 2023).

Tendo sido a base de todo o processo agroindustrial na região, conforme abordado acima, a agricultura familiar ainda é muito forte, apesar dos percalços e falta de investimento, a atividade se encontra presente em 87% das propriedades de Coronel Freitas e em 88% das de Quilombo (IBGE, 2017).

Como podemos averiguar até aqui, a cidade de Quilombo e Coronel Freitas possuem uma diferença visível na sua dinâmica econômica, onde Quilombo aparece com maior destaque e certa centralidade, principalmente por contar com uma unidade agroindustrial e por explorar seu potencial turístico e educacional. Coronel Freitas por sua vez, se destaca nas produções expressivas da pecuária e como polo moveleiro da região. Contudo, conforme Alba et al. (2015) já haviam apontado, a presença da unidade agroindustrial não é o suficiente para influenciar na sua capacidade de atrair população e/ou expressividade econômica na região desde 1980. Um exemplo disso é o decréscimo populacional identificado em Quilombo entre 1980 a 2010, que só veio a crescer em termos demográficos no último Censo de 2022. Na tentativa de aprofundar essa



análise acerca das duas cidades, adota-se a evolução do IDH – Índice de Desenvolvimento Humano⁷ destas, apresentado abaixo:

Tabela 3 – IDH de Coronel Freitas e Quilombo (1991 – 2010)

Local	ANO		
	1991	2000	2010
Santa Catarina	0,543	0,674	0,774
Coronel Freitas	0,449	0,606	0,744
Quilombo	0,456	0,614	0,730

Fonte: IBGE, 1991 – 2010.

Tabela 4 – IDH por setores de Coronel Freitas (1991 – 2010)

ANO	Renda	Longevidade	Educação
1991	0,563	0,74	0,217
2000	0,657	0,772	0,439
2010	0,732	0,86	0,653

Fonte: IBGE, 1991 – 2010.

Tabela 4 – IDH por setores de Quilombo (1991 – 2010)

ANO	Renda	Longevidade	Educação
1991	0,551	0,731	0,235
2000	0,670	0,761	0,453
2010	0,712	0,832	0,656

Fonte: IBGE, 1991 – 2010.

Observa-se que ambos os municípios apresentaram significativas melhoras no índice, principalmente no setor educação. Porém, vale destacar que na última divulgação do IDH, feita em 2010, ambas as cidades não alcançaram a média estadual. Coronel Frei-

⁷ Segundo o PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, os valores considerados baixos para o IDH seriam menores de 0,500; médio entre 0,500 e 0,800; e elevado acima de 0,800.



tas encontra-se na posição 113 no ranking estadual do índice, com destaque nos setores renda e longevidade; já Quilombo ficou na 158 posição, estando a frente de Coronel Freitas apenas no setor educação. Diante disso, é possível perceber que o processo apontado por Alba et al. (2015) ao se referir à questão populacional, ocorre também em outras esferas, onde:

(...) os frigoríficos, que num primeiro momento serviram de base na formação econômica regional e urbana, hoje, mostram-se insuficientes para manter uma economia dinâmica e positiva. Tal atividade está influenciando não apenas na exclusão da população do campo, mas também não consegue influenciar de forma positiva no setor urbano (p.63-64).

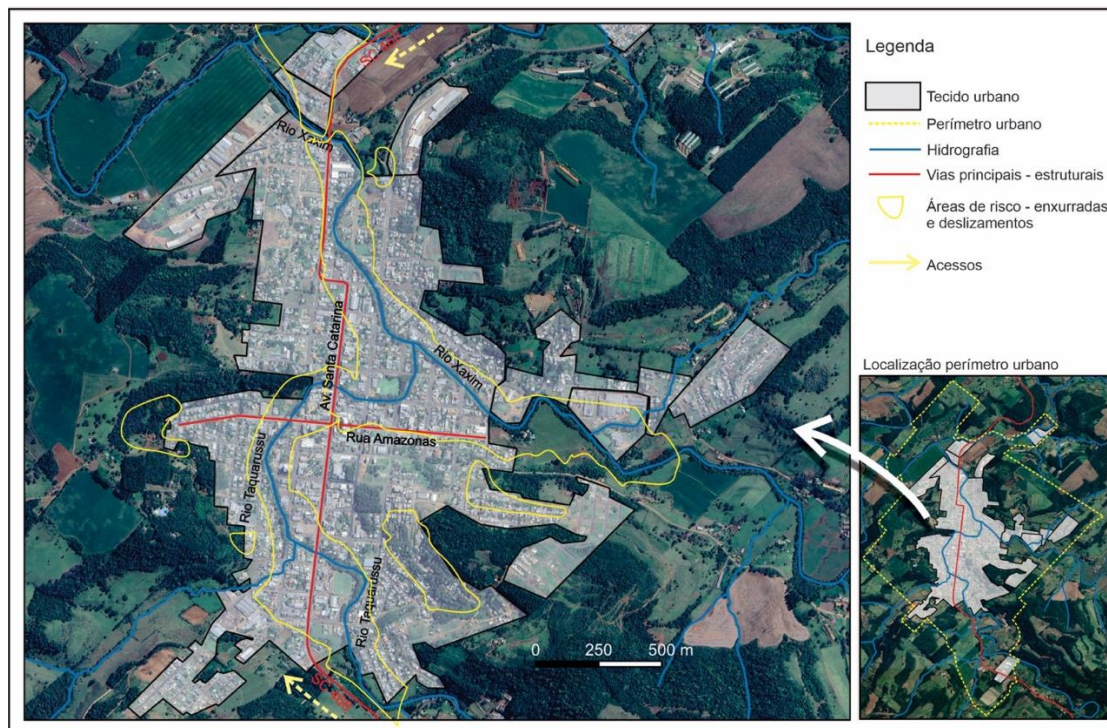
3.3 MORFOLOGIA E CONFIGURAÇÃO TERRITORIAL

As duas cidades analisadas aqui caracterizam-se por possuir um tecido urbano de tipologia dispersa e descontínua, com baixa população e densidade, comuns às cidades da região (VILLELA, 2019). Porém, sua morfologia e configuração territorial são particulares e estão diretamente ligadas aos diferentes fatores e elementos físicos, sociais, econômicos e políticos.

O relevo e a presença de corpos d'água são os determinantes para a forma e a estrutura de uma cidade (MOREIRA JUNIOR, 2014), e, neste caso, ambas as localidades possuem relevo acidentado, e por isso a formação e a expansão de suas áreas urbanas encontram-se em uma área de vale, acompanhando a extensão dos rios existentes. Essa é uma característica em comum das cidades da região oeste, que tiveram seus primeiros lotes demarcados para facilitar o consumo, produção agrícola e criação de animais (PÉRTILE, 2008). Quanto a acessibilidade e sistema viário, Coronel Freitas e Quilombo contam com rodovias estaduais cruzando seu tecido urbano, tornando-se a principal via destas cidades (Figuras 4 e 5), onde se localizam as áreas mais importantes de comércio, serviços e usos públicos.



Figura 4: Mapa de condicionantes físicos e áreas de risco de Coronel Freitas.



Fonte dos dados: IBGE, 2022; AMOSC, 2023; CPRM, 2015. Elaboração: Santos, 2024.

Por contarem com um relevo irregular e áreas de aclave acentuados, que variam de 360 m a 490 m, podendo chegar a altitudes de 550 m, a expansão da ocupação urbana é dificultada, e nos últimos anos vem ocorrendo em áreas de aclave que circundam estas cidades, consideradas de risco segundo relatórios divulgados pelo Serviço Geológico do Brasil. Ou seja, a malha urbana foi se expandindo de acordo com as possibilidades, diante das limitantes físicas.

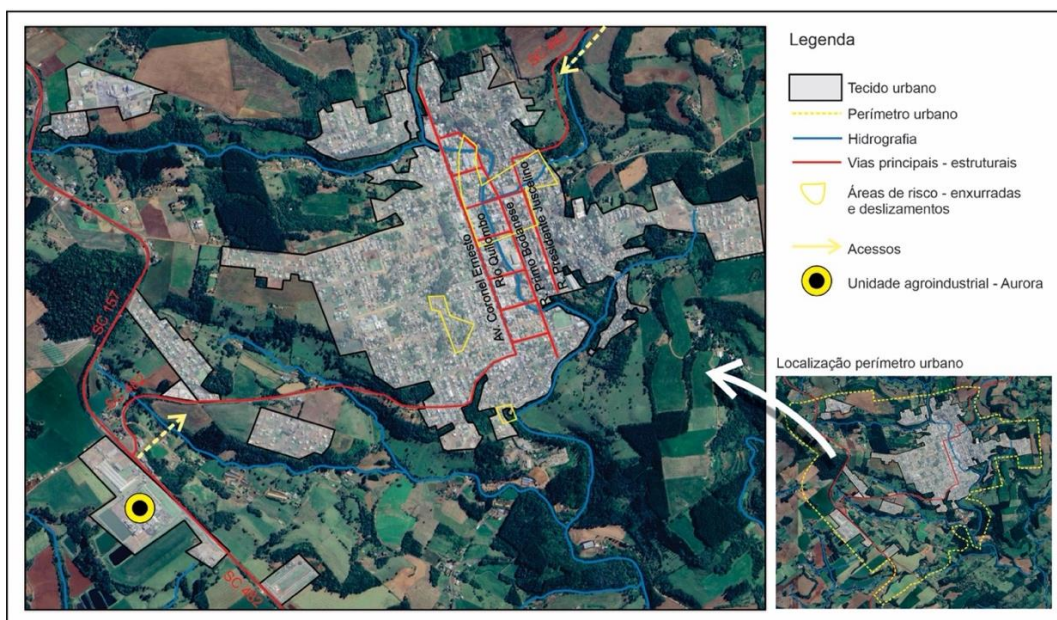
Quanto hidrografia, ambas as cidades são banhadas pelos afluentes da sub-bacia do Rio Chapecó. Quilombo é banhado pelo afluente Rio Quilombo e Coronel Freitas possui os Rios Xaxim e Taquaruçu cruzando toda sua extensão territorial.

Com a expansão urbana eminente, somada a falta de planejamento e infraestrutura de drenagem pluvial e de cumprimento com as legislações ambientais, ambos os mu-



nicípios, ao receberem um considerável volume de chuva, sofrem com fortes alagamentos. A morfologia e configuração territorial de ambas as cidades ao disporem seu tecido urbano em uma área de vale, estão suscetíveis a sofrerem este tipo de catástrofe, somadas aos agravantes climáticos e a deficiência em infraestruturas urbanas. As áreas de declive acentuado que circundam as cidades são desmatadas, o que facilita e agiliza o escoamento pluvial para a área urbana consolidada.

Figura 5: Mapa de condicionantes físicos e áreas de risco de Quilombo.



Fonte dos dados: IBGE, 2022; AMOSC, 2023; CPRM, 2018. Elaboração: Santos, 2024.

Coronel Freitas teve sua última grande enchente no ano de 2015, onde 70% da área urbana foi atingida⁸. Conforme identificado no mapa da Figura 4 acima e com base no relatório emitido pelo CPRM em 2015, somente no município de Coronel Freitas foram identificados 11 setores de muito alto e alto risco. Já em Quilombo, a situação é menos

⁸ Ver mais em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2015/07/coronel-freitas-no-este-de-sc-teve-70-da-area-urbana-atingida-por-enxurrada-4801988.html>. Acesso em: maio de 2024.



grave, onde o mesmo levantamento e relatório divulgado 2018, identificou 5 setores de muito e alto risco (Figura 5), estando todos situados no perímetro urbano do município.

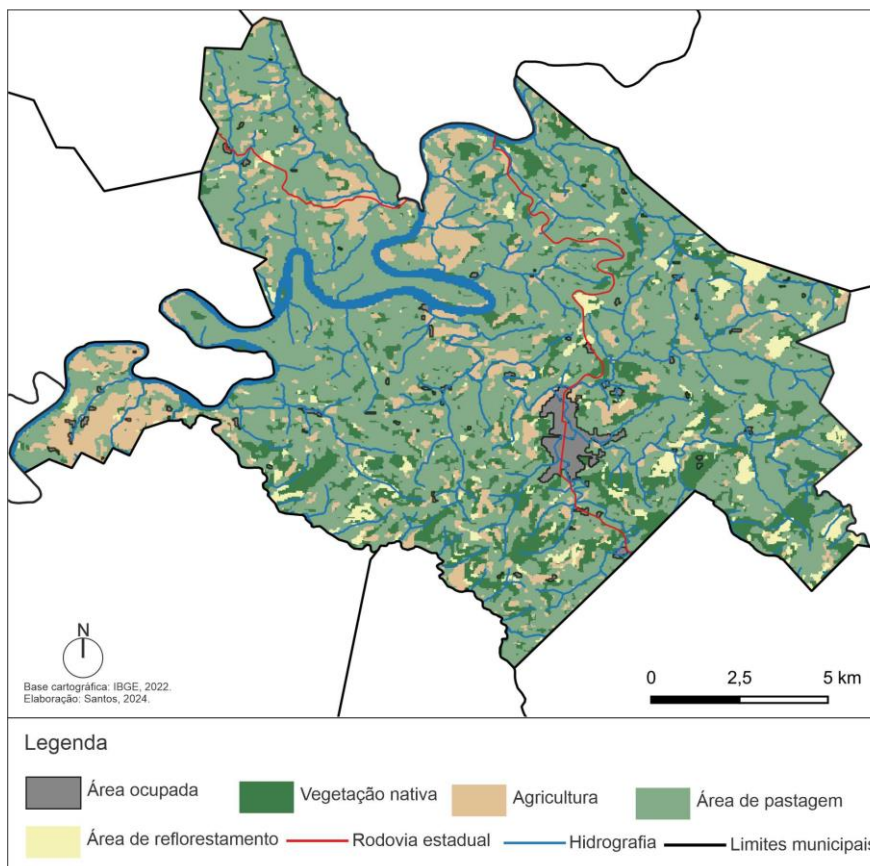
Segundo os relatórios, essas áreas são resultado do mau planejamento e ocupação, além da ausência de infraestrutura de drenagem, o que acaba acelerando os processos de erosão. Mesmo após este diagnóstico e sem nenhuma medida ter sido tomada, Quilombo foi novamente afetada por uma enchente em novembro de 2023⁹, atingindo cerca de 260 pessoas, além de prédios públicos e áreas de comércio. Essa problemática, presente em ambas as cidades, é uma importante condicionante e impacta diretamente na organização espacial e configuração territorial, principalmente quanto a expansão urbana.

Quanto a vegetação, é possível perceber que as áreas lindeiras aos cursos d'água em geral não respeitam a legislação ambiental vigente acerca das Área de Preservação Permanente (APP). Isso porque, conforme abordado anteriormente, toda a região contava com extensas áreas de vegetação nativa que foram desmatadas e a colocaram em um estágio adiantado de extermínio (VILLELA, 2019). Os mapas das Figuras 6 e 7 auxiliam a compreender melhor a proporção do uso do solo territorial dos municípios, onde se pode visualizar que as áreas rurais ainda abrigam alguns remanescentes florestais, principalmente em locais de maior altitude, mas em sua maioria foram suprimidas para abrigar áreas agrícolas e principalmente de pastagem para a pecuária. Esse fato é observado com maior expressividade no território de Coronel Freitas, principalmente pela expressiva criação de gado que o município apresenta, conforme apontado anteriormente.

⁹ Ver mais em: <https://clircdc.com.br/categoria-geral/chuvas-fortes-causam-enchentes-e-destruicao-em-quilombo/>. Acesso em: maio de 2024.



Figura 6: Mapa de vegetação e uso do solo territorial de Coronel Freitas.

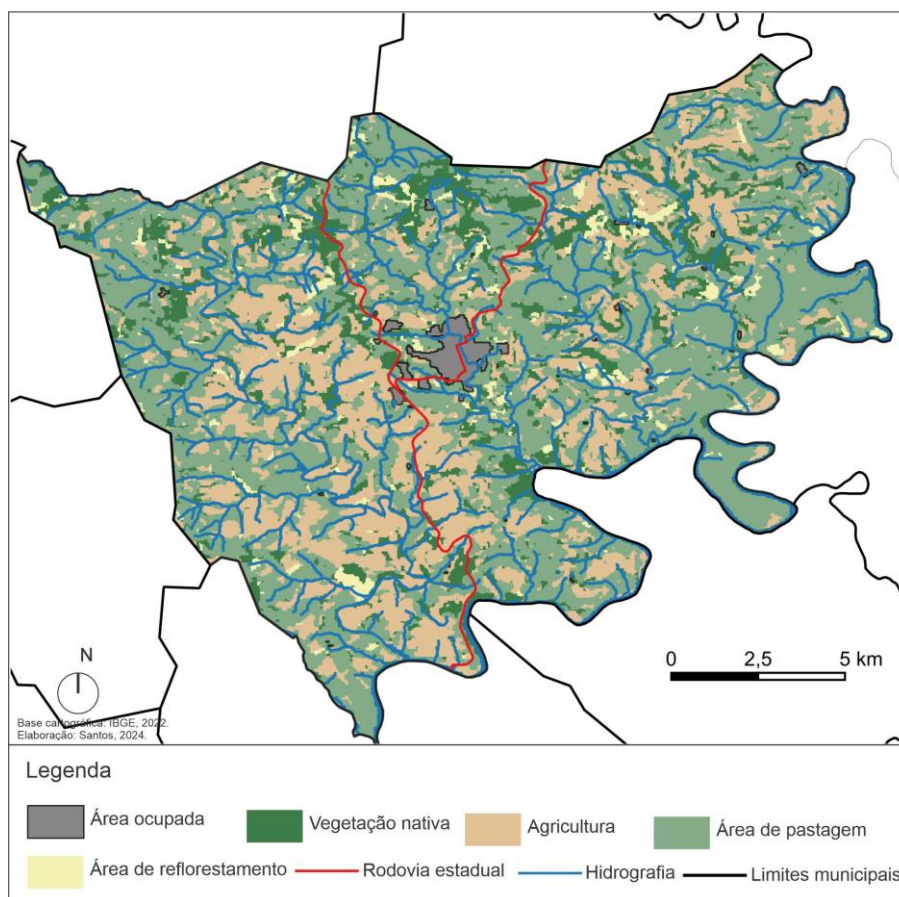


Fonte dos dados: IBGE, 2022; MonitoraSC, 2017. Elaboração: Santos, 2024.

Quilombo, por sua vez, concentra a maior parte do seu território fora da área urbana para a agricultura. Outro fato comum observado in loco, foi a presença de pequenos cultivos em lotes urbanos mais afastados das áreas centrais, onde os proprietários cultivam vegetais para consumo próprio, como feijão, milho, árvores frutíferas e verduras. Este fato reforça a permanência da cultura e presença dos pequenos produtores e das pequenas produções para consumo próprio, que foram o embrião da agricultura na região oeste.



Figura 7: Mapa de vegetação e uso do solo territorial de Quilombo.



Fonte dos dados: IBGE, 2022; MonitoraSC, 2017. Elaboração: Santos, 2024.

Quanto aos aspectos legais, ambos os municípios apresentam instrumentos de planejamento urbano, sendo o Plano Diretor Físico Territorial de Quilombo (Lei complementar nº 72 de 2008) e as leis de Zoneamento, uso e ocupação do solo urbano da sede municipal (Lei nº 1.390 de 2004) e do Plano de Estruturação Central de Coronel Freitas (Lei nº 1.389 de 2004). Porém, em ambos os casos, a legislação não prevê ou incorpora qualquer diretriz acerca das áreas de risco e/ou alagamento, principal problemática identificada. A demarcação e/ou identificação de Zonas de Interesse Social (ZEIS) ou qualquer diretriz e objetivo para as áreas rurais também é inexistente. Além disso, no caso de Quilombo, as zonas urbanas são apenas demarcadas, não apresentando



características, definições e a real finalidade destas. Outros instrumentos do Estatuto da Cidade, como a participação popular, instrumentos jurídicos, legislativos e até mesmo a previsão de revisão do documento não são citados, dificultando então uma análise aprofundada acerca destas como da sua aplicação efetiva no território. Porém, vale destacar aqui que ambas as cidades estão em processo de revisão dos seus planos diretores.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir deste estudo comparativo foi possível identificar que mesmo estando dentro de uma mesma região, as pequenas cidades podem apresentar um desenvolvimento muito diversificado, e exercerem diferentes papéis dentro do circuito econômico, corroborando com o argumento de Elias (2011) citado anteriormente. Quilombo funciona com certa centralidade, principalmente por abrigar uma unidade agroindustrial e um eixo rodoviário propício para a chega de matéria prima e escoamento de mercadoria. Coronel Freitas se destaca como importante produtor agrícola, funcionando como fornecedor de matéria prima para as unidades agroindustriais da região. Porém, estas cidades além de apresentarem características comuns ao contexto regional e econômico em que se inserem, possuem alguns elementos particulares quanto a sua configuração territorial.

Os elementos em comum são percebidos no traçado do tecido urbano, na disposição das quadras e dos lotes na área central próximos aos rios, na presença de estradas estaduais, nas áreas desmatadas, além das marcas da insuficiência e até mesmo inexistência de planejamento e gestão urbanos. Ambas as cidades possuem problemáticas quanto a ocorrência de inundações e deslizamentos. Coronel Freitas apresenta a pior situação dentre as duas cidades analisadas, com diversas áreas de risco identificadas principalmente na área urbana.



Quanto ao desenvolvimento local, nos âmbitos econômico e populacional, os dados revelaram que mesmo contando com uma importante unidade agroindustrial em seu território, Quilombo não apresenta um grande destaque em comparação a Coronel Freitas. Ambas as cidades têm sua maior arrecadação no setor terciário vinculado principalmente ao agronegócio; já o setor primário em si quanto a produção, não representa a maior arrecadação. É possível visualizar também sinais de mudança na matriz econômica regional, identificados principalmente em Quilombo. A cidade ainda possui maior expressividade no setor educacional, principalmente na iniciativa privada, polarizando Coronel Freitas e outras pequenas cidades próximas.

Diante disso, Quilombo ainda pode ser considerada uma cidade com maior expressividade se comparada a Coronel Freitas, principalmente pela presença da Aurora, que lhe confere certa centralidade para com as pequenas cidades próximas. Com o turismo em ascensão, a cidade ainda pode se destacar quanto ao seu dinamismo e dotá-la de novos papéis, o que dependerá da atuação dos agentes locais e do poder público. Já Coronel Freitas tende a continuar com uma centralidade que não ultrapassa a sua escala municipal. Com as mudanças climáticas cada vez mais evidentes, entende-se que as questões apresentadas aqui referente as condicionantes morfológicas, devem ser tratadas com urgência e incorporadas nas novas legislações urbanísticas.

5 REFERÊNCIAS

ALBA, Rosa Salete *et al.* Dinâmica Populacional no Oeste Catarinense: Indicadores de Crescimento Populacional dos Maiores Municípios. In: BRANDT, Marlon; NASCIMENTO, Ederson (org). **Oeste de Santa Catarina: Território, ambiente e paisagem**. Chapecó: UFFS, 2015.

BIEGER, Beno N. *et al.* **CARACTERIZAÇÃO E PERSPECTIVAS DO POLO MOVELEIRO DE CORONEL FREITAS, SC, BRASIL**. FLORESTA, Curitiba, PR, v. 39, n. 2, p. 289-307, abr./jun. 2009.



CPRM – Serviço Geológico do Brasil. **Ação Emergencial para Delimitação de Áreas em Alto e Muito Alto Risco a Enchentes, Inundações e Movimentos de Massa.** Coronel Freitas – Santa Catarina. Agosto de 2015. Disponível em: https://coronelfreitas.sc.gov.br/uploads/sites/411/2022/07/1161089_Lei_1390_Anexo_12_Delimitacoes_de_Areas_em_Alto_e_Muito_Alto_Risco_a_Enchentes.pdf. Acesso em: maio de 2024.

CPRM – Serviço Geológico do Brasil. **Ação Emergencial para Delimitação de Áreas em Alto e Muito Alto Risco a Enchentes, Inundações e Movimentos de Massa.** Quilombo – Santa Catarina. Fev. de 2015. Disponível em: <https://rigeo.cprm.gov.br/handle/doc/19605>. Acesso em: maio de 2024.

ELIAS, Denise. **Agronegócio e novas regionalizações no Brasil.** Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais, Recife, v. 13, n. 2. nov. 2011, p. 153-167.

ENDLICH, Angela Maria. **Pensando os papéis e significados das pequenas cidades.** São Paulo: UNESP, 2009, 357 p.

ESPINDOLA, Carlos J. **As Agroindústrias Do Oeste Catarinense: O Caso Sadia.** 1996. 306 f. Dissertação de mestrado – Geografia. Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

GOMES, Luciano C. **AS CIDADES PEQUENAS DO AGRONEGÓCIO E SEU PAPEL NA REDE URBANA REGIONAL: O CASO DE SANTO ANTÔNIO DO AMPARO – MG.** Geofronter, Campo Grande, n. 4, v. 2, 2018, p. 23-46.

GRAZIANO DA SILVA, José. **O Novo Rural Brasileiro.** 2 ed. Campinas: UNICAMP, 2002. 166 p.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – **Censo Agropecuário 1970.** Rio de Janeiro, RJ. 1970.

MAIA, Claudio M. *et al.* **O MOVIMENTO PENDULAR E DESLOCAMENTOS POPULACIONAIS DIÁRIOS PARA CHAPECÓ/SC NO CONTEXTO DE NOVAS FORMAS DE URBANIZAÇÃO.** VIII Seminário Internacional sobre Desenvolvimento Regional. Santa Cruz do Sul, RS, 2017. Disponível em: <https://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/sidr/article/view/16400/4355>. Acesso em: maio de 2024.

MOREIRA JUNIOR, Orlando. **AS CIDADES PEQUENAS NA REGIÃO METROPOLITANA DE CAMPINAS-SP: DINÂMICA DEMOGRÁFICA, PAPÉIS URBANOS E (RE) PRODUÇÃO DO ESPAÇO.** Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista – Instituto de Geociências e Ciências Exatas. Rio Claro, 2014, 324 p.

OBSERVATÓRIO AGROCATARINENSE. **Desempenho do Agro – Dados e indicadores econômicos gerais e setoriais, com foco no agro, que envolvem os municípios, regiões e Estado.** Florianópolis, SC. Disponível em: <https://www.observatorioagro.sc.gov.br/>. Acesso em: maio de 2024.



PÉRTILE, Noeli. **FORMAÇÃO DO ESPAÇO AGROINDUSTRIAL EM SANTA CATARINA: O PROCESSO DE PRODUÇÃO DE CARNES NO OESTE CATARINENSE.** Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC – Programa de Pós Graduação em Geografia. Florianópolis, 2008. 322 p.

PMCF - Prefeitura Municipal de Coronel Freitas. **História.** Coronel Freitas, SC. Disponível em: <https://coronelfreitas.sc.gov.br/pagina-1280/>. Acesso em: maio de 2024.

PMQ – Prefeitura Municipal de Quilombo. **Colonização.** Quilombo, SC. Disponível em: <https://quilombo.sc.gov.br/prefeitura-de-quilombo-sc/pagina-1971/>. Acesso em: maio de 2024.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado.** 6. ed. São Paulo: Edusp, 2021, 132 p.

SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. **Data MPE Brasil – Coronel Freitas.** 2022. Disponível em: <https://datampe.sebrae.com.br/profile/geo/coronel-freitas>. Acesso em: maio de 2024.

SEBRAE – Observatório Sebrae Startups. **Startups report Santa Catarina 2023.** Florianópolis, SC, 2023. Disponível em: <https://observatorio.sebraestartups.com.br/>. Acesso em: abril de 2024.

SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. **Data MPE Brasil – Quilombo.** 2022. Disponível em: <https://datampe.sebrae.com.br/profile/geo/quilombo?redirect=true> . Acesso em: maio de 2024.

SPOSITO, Eliseu S.; JURADO DA SILVA, Paulo F. **CIDADES PEQUENAS: perspectivas teóricas e transformações socioespaciais.** Paco Editorial: Jundiaí. 2013, 146 p.

VILLELA, Ana Laura V. **Urbanização e Paisagem: As transformações socioespaciais no Oeste Catarinense.** (Tese de doutorado). Programa de Pós-Graduação em Arquitetura (Din-ter ProArq - UFFS), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, 2019.